

# Leila Slimani

## O perfume das flores à noite

Tradução de Isabel Castro Silva



*A Jean-Marie Laclavetine,  
que me fez nascer escritora*

*Ao meu amigo Salman Rushdie*

Se a solidão existe, o que ignoro,  
teremos decerto o direito, uma vez por outra,  
de sonhar que ela é um paraíso.

ALBERT CAMUS

Onde há Arte, não há velhice, nem solidão,  
nem doença, e mesmo a morte  
é só metade de si mesma.

ANTON TCHÉKHOV

Paris. Dezembro de 2018

A primeira regra quando se quer escrever um romance é dizer não. Não, não vou beber um copo convosco. Não, não posso ficar a tomar conta do meu sobrinho doente. Não, não estou disponível para almoçar, para uma entrevista, para passear, para ir ao cinema. É preciso dizer não tantas vezes que os convites acabam por rarear, o telemóvel deixa de tocar e acabamos por ter pena de só recebermos publicidade no nosso *e-mail*. É preciso dizer não e passar por misantropa, arrogante, doentamente solitária. É preciso erigir à nossa volta uma muralha de recusas contra a qual embatem todas as solicitações. Foi o que me disse o meu editor quando comecei a escrever romances. Foi o que li em todos os ensaios sobre literatura, de Roth a Stevenson, passando por Hemingway, que resumiu tudo de maneira simples e trivial: «Os maiores inimigos de um escritor são o telefone e as visitas.» Hemingway, em todo o caso,

acrescentou que, uma vez adquirida a disciplina, uma vez a literatura tornada centro, coração, horizonte único de uma vida, a solidão se impunha. «Os amigos morrem ou desaparecem, porventura cansados das nossas recusas.»

Há alguns meses que me impus esta obrigação. Propicie as condições do meu isolamento. De manhã, com os meus filhos já na escola, subo para o escritório, de onde só saio antes do cair do dia. Desligo o telemóvel, sento-me à mesa ou estendo-me no canapé. Acabo sempre por ter frio e, à medida que as horas passam, visto uma camisola, depois outra, e finalmente embrulho-me numa manta.

O meu escritório tem três metros por quatro. Na parede da direita, uma janela dá para um pátio de onde sobem os cheiros de um restaurante. Cheiro de detergentes e de lentilhas com toucinho. Em frente, uma prancha comprida de madeira faz as vezes de mesa de trabalho. As estantes estão atulhadas de livros de história e de recortes de jornais. Na parede da esquerda, coleí *post-its* de diferentes cores. Cada cor corresponde a um ano. O cor-de-rosa a 1953, o amarelo a 1954, o verde a 1955. Nesses pedaços de papel anotei o nome de uma personagem, uma ideia para uma cena. Mathilde no cinema. Aïcha no pomar de marmeleiros. Um dia em que estava inspirada, estabeleci a cronologia do romance em que trabalho e que ainda não tem título. Conta a história de uma

família, na pequena cidade de Meknès, entre 1945 e a independência do reino. Sobre o soalho está aberto um mapa da cidade de 1952. Vê-se aí, com grande nitidez, as fronteiras entre a cidade árabe, o *mellah* judeu e a cidade europeia.

Hoje não é um bom dia. Estou há horas sentada nesta cadeira e as minhas personagens não me falam. Nada me vem à mente. Nem uma palavra, nem uma imagem, nem o início de uma música que me levasse a assentar frases na página. Fumei demasiado desde a manhã, perdi tempo em *sites*, dormi uma sesta, mas nada me acudiu ao espírito. Escrevi um capítulo e de seguida apaguei-o. Penso uma vez mais na história que um amigo me contou. Não sei se é verdadeira, mas agradou-me bastante. Enquanto escrevia *Anna Karénina*, Lev Tolstói terá tido uma profunda crise de inspiração. Não escreveu uma linha semanas a fio. O seu editor, que pagara um adiantamento substancial para a época, inquietava-se com o atraso do manuscrito e, perante o silêncio do mestre, que não respondia às suas cartas, decidiu apanhar um comboio para o questionar. Ao chegar a Iasnaia Poliana, foi recebido pelo romancista, que, quando o editor lhe perguntou em que ponto estava o seu trabalho, lhe respondeu: «Anna Karénina partiu. Estou à espera que volte.»

Longe de mim comparar-me ao génio russo ou os meus insignificantes romances às suas obras-primas. Mas esta frase obceca-me: «Anna Karénina partiu.» Por vezes também me parece que as minhas personagens me fogem, que foram viver uma outra vida e que só voltarão quando assim decidirem. São perfeitamente indiferentes à minha angústia, às minhas orações, são indiferentes até ao amor que lhes tenho. Partiram e cabe-me esperar que voltem. Quando estão presentes, os dias passam sem que me dê conta. Murmuro, escrevo o mais depressa que posso, pois tenho sempre medo de que as minhas mãos sejam menos lestras do que o fio dos meus pensamentos. Aterroriza-me a ideia de que qualquer coisa possa quebrar a minha concentração, como um funâmbulo que cometesse o erro de olhar para baixo. Quando estão presentes, a minha vida inteira gira em torno desta obsessão, o mundo exterior não existe. Não é mais do que um cenário por onde caminho, como se iluminada, ao fim de um longo e doce dia de trabalho. Vivo à parte. A reclusão parece-me ser então a condição necessária para que a Vida aconteça. Como se, afastando-me do ruído do mundo, protegendo-me, um outro mundo possível conseguisse por fim emergir. Um certo «era uma vez». Neste espaço fechado, evado-me, fujo da comédia humana, mergulho sob a espuma espessa das coisas. Não me fecho ao mundo; pelo contrário, sinto-o com mais força do que nunca.



\*

A escrita é disciplina. É renúncia à felicidade, às alegrias do quotidiano. Não podemos procurar cura ou consolo. Pelo contrário, devemos cultivar as nossas mágoas como os técnicos de laboratório cultivam bactérias em boiões de vidro. É preciso reabrir as cicatrizes, revolver as recordações, reavivar as vergonhas e os soluços antigos. Para escrever, é preciso dizer não aos outros, recusar a nossa presença, a nossa ternura, desiludir os nossos filhos e amigos. Nesta disciplina, descubro tanto um motivo de satisfação, ou mesmo de felicidade, como a causa da minha melancolia. A minha vida inteira é ditada por obrigações. Tenho de me calar. Tenho de me concentrar. Tenho de ficar sentada. Tenho de resistir às minhas vontades. Escrever é contrariar-se, mas destes entraves nasce a possibilidade de uma liberdade imensa, vertiginosa. Lembro-me do momento em que ganhei consciência dela. Foi em dezembro de 2013 e estava a escrever o meu primeiro romance, *No Jardim do Ogre*. À época morava no boulevard Rochechouart. Tinha um filho pequeno e precisava de aproveitar os momentos em que ele estava no infantário para escrever. Sentada na sala de jantar, frente ao computador, pensei: «Neste momento podes dizer absolutamente tudo o que quiseres. Tu, a menina bem-educada que aprendeu a dominar-se, a conter-se, tu, podes dizer a verdade.

Não és obrigada a agradar a ninguém. Não tens de ter medo de transtornar quem quer que seja. Escreve tudo o que quiseres.» Nesse imenso espaço de liberdade, a máscara social cai. Podemos ser outra pessoa, já não somos definidos por um género, uma classe social, uma religião ou uma nacionalidade. Escrever é descobrir a liberdade de se inventar a si mesmo e de inventar o mundo.

Claro que os dias desagradáveis como o de hoje são numerosos e por vezes sucedem-se, dando lugar a um profundo desalento. Mas o escritor é um pouco como o opiómano e como todas as vítimas da adicção: esquece os efeitos secundários, as náuseas, as crises de ressaca, a solidão, e só se lembra do êxtase. Está disposto a tudo para reviver esse apogeu, o momento sublime em que as personagens começam a falar através dele, em que a vida palpita.

São cinco da tarde e a noite já caiu. Não acendi o candeeiro pequeno e o escritório está imerso na escuridão. Começo a acreditar que poderá acontecer alguma coisa nas trevas, um entusiasmo de último minuto, uma inspiração fulgurante. Por vezes a obscuridade permite que as alucinações e os sonhos se desenrolem como lianas. Abro o computador, releio uma cena que escrevi ontem. Diz respeito a uma tarde que a minha personagem passa no cinema. O que passaria

o cinema Empire de Meknès em 1953? Lanço-me em investigações. Na Internet encontro fotografias de arquivo muito comoventes e apresso-me a enviá-las à minha mãe. Começo a escrever. Recordo o que me contou a minha avó sobre a arrumadora marroquina, grande e brutal, que arrancava os cigarros da boca dos espectadores. Preparo-me para dar início a um novo capítulo quando o alarme do telemóvel começa a tocar. Tenho um encontro dentro de meia hora. Um encontro ao qual não soube dizer não. Alina, a editora que me acompanha, é uma mulher persuasiva. Uma mulher apaixonada, que tem uma proposta a fazer-me. Penso em mandar-lhe uma mensagem tibia e em mentir. Podia usar os meus filhos como desculpa, dizer que estou doente, que perdi um comboio, que a minha mãe precisa de mim. Em vez disso, visto o casaco, enfio o computador na mala e abandono o meu antro.

## De uma das vozes mais estimulantes da literatura europeia, um texto magnífico, que combina uma viagem pela memória com uma reflexão instigante.

Como escritora que acredita que a verdadeira audácia vem do interior, Leïla Slimani não gosta de sair e prefere a solidão à distração. No entanto, aceita um inusitado convite para passar uma noite num museu em Veneza – um edifício mítico na Punta della Dogana. A noite insone acaba por ser o pretexto para a escritora deambular por outras paragens e outros tempos.

Percorrendo, de pés descalços, as salas e os corredores do museu, estimulada pelo perfume das damas-da-noite que a transportam para a infância em Rabat, Leïla Slimani fala-nos do belo e do efémero, da virtude do silêncio, da magia da criação artística, da solidão e do sacrifício da escrita. Acompanhada pelas palavras e histórias de outros criadores, como Virginia Woolf, Rilke, Montaigne, Murakami e Emily Dickinson, Leïla conduz o leitor por uma viagem intensa, uma reflexão iluminada e um desfile de memórias comoventes.

À semelhança das flores que reservam para as horas noturnas o seu perfume mais intenso, a divagação da escritora adensa-se e inebria, à medida que a noite avança. E o leitor descobre-se perante uma confissão: discreta quando fala da vida familiar em Paris; emocionada quando recorda o pai; nostálgica quando revive a adolescência rebelde em Rabat; honesta quando assume o que sacrifica em nome da escrita; desafiadora quando aflora o lugar da mulher na arte, na sociedade; sempre corajosa e intrigante, sempre sóbria e subtil, porque «escrever é jogar com o silêncio, é dizer, de maneira indireta, segredos que na vida real seriam indizíveis».




Nos primeiros instantes da alvorada, a escritora abandona o edifício como quem desperta de um sonho, deixando para trás o perfume das flores. E oferecendo ao futuro este livro magnífico.



«Depois do sucesso retumbante de *O país dos outros* e *Canção doce*, a romancista abre um parêntese mais íntimo. Chegou o momento de evocar as suas raízes, os seus combates e a sua vida de escritora.» *Télérama*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

penguinlivros.pt  
  penguinlivros  
 alfaguaraeditora

ISBN 9789897845376



9 789897 845376 >